

ADOÇÃO TARDIA: CASO CLÍNICO

Daniela Cristina Gregio d'Arce Mota
Eliane Zanoni de Andrade*

Fundamentação Teórica

De acordo com Miranda & Souza (2009) a adoção é uma prática muito remota na história da humanidade, desde Código de Hamurabi, na Babilônia, 1750 a 1686 a. C., considerado o primeiro texto jurídico da civilização, já havia referências sobre o tema.

No Brasil, a primeira lei referente à adoção, segundo Miranda & Souza (2009) criou-se em 1828, no Código Civil Brasileiro, partir disso começou a sistematização da adoção. Claro que até o momento atual, a leis de adoção mudaram constantemente, e o importante dessas mudanças foi à criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, a partir desse estatuto dá-se o privilégio a necessidade de integrar a criança para uma família, enaltecendo sempre os interesses delas, e não da família adotiva. De acordo com o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006) adoção é: “Medida judicial de colocação em caráter irrevogável, de que uma criança ou adolescente em outra família que não seja aquela onde nasceu, conferindo vínculo de filiação definitivo com os mesmo direitos e deveres da filiação biológica.” (p.130).

Nesses 20 anos de Eca, houve algumas alterações, e o que cabe acrescentar nesse presente trabalho foram à mudança sobre a adoção que entrou em vigor em 2009, essas alterações faz com que o processo de adoção seja mais rápido, havendo uma fiscalização de cada dois anos nessas instituições. Essa nova lei prevê que cada criança é um caso, e não permitir afastar a criança de pessoas que ela já tem laços afetivos.

A adoção tardia, de acordo com Fontoura & Joppert (2009) é considerada quando a criança tem dois ou mais anos de idade, segundo os autores é uma adoção mais complexa, pois a criança na sua história de vida permaneceu um tempo considerável com a família biológica, e, portanto entra para uma nova família com um histórico com dores, sofrimento, abandono, rejeição, entre outros. Como afirma Fontoura & Joppert (2009):

Em geral, na adoção tardia está presente um período maior de convivência da criança e adolescente com a família biológica, onde provavelmente sofreu agressões, rompimento de vínculos, abandono, negligência, o que levou à destituição do poder de família; a criança deve estar há algum tempo abrigada, pode já ter estado em diferentes abrigos ou com diferentes pais sociais e-ou, ainda, ter passado por diversos lares, antes de ser levada a um abrigo. (p.95)

De acordo com Fontoura & Joppert (2009) a adoção no Brasil ainda é vista de forma preconceituosa de vários níveis. As pesquisas mostram, de acordo com Weber (2002, citado por Fontoura & Joppert, 2009), que quanto maior é a idade da criança menor é o índice de adoção, para comprovar o contraste da pesquisa de Weber (2002, citado por Fontoura & Joppert, 2009) é que 71% das crianças adotadas têm menos de três meses de idades, enquanto que crianças de seis até nove anos representam apenas 1, 8% da adoção. O que podemos notar com isso, como afirma os autores, é que nem toda criança é aceita para adoção, portanto a escolha do casal também deve ser um fator importante para um processo de adoção não fracasse.

Ainda hoje, acredita-se, como afirma Vargas (1998, citado por Fontoura & Joppert, 2009), na herança genética do adotante, isto é, há mitos que qualquer comportamento indesejáveis dos pais biológicos, como uso de drogas, criminalidades, prostituição, entre outros; o filho poderá ter esses comportamentos futuramente; Fontoura & Joppert (2009) cita até exemplos de expressões usadas pelos pais para falar sobre atitudes ruins dos filhos adotados, como exemplo: “tem sangue ruim”. Outra ideia colocada erroneamente sobre o adotado, citado por Weber (2003, citado por Fontoura & Joppert, 2009) é: “cedo ou mais tarde a criança adotiva trará problemas” (p.97). A partir desses conceitos, assinala Aleoti (2001, citado por Fontoura & Joppert, 2009), faz com os pais fiquem atentos para que um dia esses comportamentos possam acontecer.

Os preconceitos aumentam quando se fala em adoção tardia, pois para Fontoura & Joppert (2009) há o mito que “toda criança adotada com mais idade já é problemática” (p.97), devido por apresentar já um histórico de vida, muitas vezes já com passagem em outras famílias e abrigos. Assim, para Weber (2003, citado por Fontoura & Joppert, 2009), observa que na adoção tardia muitas crianças apresentam atitudes indesejáveis, não conseguindo

demonstrar o amor que sente pela família adotiva, para essa autora, a criança adotada tardiamente também apresenta suas fantasias e angústias à adoção, como a insegurança de ser devolvido ou até mesmo sentimentos como: “já que vou ser devolvido, não tem o porquê gostar deles” (p.98), devido ao fato de muitas delas já passarem por outras famílias.

Fontoura & Joppert (2009) falam de um estudo sobre o desenvolvimento psíquico da criança adotada que é citado no livro de Vargas (1998, citado por Fontoura & Joppert, 2009) e esta se baseou nas pesquisas de Anzieu (1985), nesse estudo fala que a criança passa por quatro fases: fantasia de reinclusão do corpo materno; a fase que a criança busca identificação física com os pais adotivos; fase que a criança se distancia por caráter de agressividade, e por fim a fase que a criança recupera o narcisismo infantil secundário, havendo um novo nascimento psíquico.

Na adoção tardia, Fontoura & Joppert (2009) apontam a importância do filho adotivo de sempre saber sobre o seu passado, e citam Winnicott (1997, citado por Fontoura & Joppert, 2009), pois este fala que o adotivo precisa experimentar a emoção real de sua vida, ao lado de pessoas que transmitam confiança e os apoiem na busca da verdade. Na mesma direção Weber (2002, citado por Fontoura & Joppert, 2009):

Os pais devem ter uma capacidade grande de empatia, ou seja, de entender aquela história anterior de seu filho e devem ser também uma espécie de ancoradouro para que a criança ou o adolescente sinta que pode contar essa história, desabafar e até ter raiva dela. A capacidade de qualquer relacionamento familiar, de fato, parece não depender da história anterior dos protagonistas, da aparência física ou da idade, mas da verdadeira capacidade de construir afeto, com base em trocas e doações. (p.100).

Portanto, os autores falam que é um momento em que os pais precisam ser compreensivos e dedicados aos filhos adotivos, e que através disso também possibilitam a adaptação do filho e a construção do amor na nova família.

Fontoura & Joppert (2009) também comentam da forma como os pais lidam com a causa que fizeram adotar uma criança que muitas vezes precisa ser trabalhada para o bem-estar de todos. Uma pesquisa feita por Weber (2002, citado por Fontoura & Joppert, 2009) mostra que 81% dos casais que procuram a adoção é a dificuldade de gerá-los. Como foi falado anteriormente, para a Lei a adoção sempre tem que privilegiar os interesses das

crianças. Entretanto, para Fontoura & Joppert (2009) nota-se um desacordo com o objetivo legal; pois a escolha do adotado e as suas motivações geralmente vai contra ao interesse do bem-estar da criança. As motivações que fazem o casal buscar a adoção é geralmente sentimentos de frustrações deles próprios;

Chemin & Sesarino (2009) afirmam várias motivações que fazem um casal procurar a adoção, mas caso não trabalharem psiquicamente seus sentimentos, haverá o fracasso da adoção. As motivações que eles citam, primeiramente é a esterilidade do casal, se não houver um trabalho para a elaboração do luto da infertilidade do casal, a criança adotiva sempre será a lembrança da impotência deles, e a criança sentirá uma intrusa na família. Outra motivação, é quando o casal busca a adoção devido à morte de um filho biológico, para Chemin & Sesarino (2009) é uma tentativa errônea por parte dos pais, pois não se esquece da perda do filho e o filho adotivo não terá um investimento afetivo que se sinta amado. A terceira motivação colocada por Chemin & Sesarino (2009) é o sentimento altruísta de muitas pessoas que querem fazer uma boa ação, e com isso acabam optando a adoção como uma forma de fazer caridade, para os autores esse é um caminho mais equivocado pela procura da adoção, pois a criança carente não é um bem material, ela precisa muito de afeto; a criança cria a sensação que sempre estará em dívida com a família, devido a sua boa ação, e na verdade é uma dívida que nunca será paga. E por fim, Chemin & Sesarino (2009) falam de pessoas solteiras que buscam na adoção para evitar um futuro solitário, que na verdade para os autores podem estar querendo algo diferente do que no discurso consciente.

Assim, Fontoura & Joppert (2009) afirmam as dificuldades de uma adoção, tanto por parte do adotivo quanto da parte dos pais; de um lado o adotado e suas expectativas com a família sonhada e suas dificuldades emocionais devido a seu passado que é resultado pelo rompimento com o vínculo com a família biológica, muitas vezes ausência de um relacionamento estável, e também de se sentir como filho e não como uma “criança abrigada” como cita os autores. Do outro lado estão as expectativas dos pais em relação ao filho adotivo, das dificuldades de serem pais, de criar um filho, de educá-los, de sustentá-los, entre outros; também de lidarem com o preconceito da adoção especialmente da adoção tardia.

Com tudo isso, Fontoura & Joppert (2009) falam da importância da preparação dos pais para adoção, para os autores se até mesmo na gravidez biológica deveria haver um preparo para a mãe, pois os pais também criam expectativas, fantasias e desejos do filho que está para vir. No casal adotivo é imprescindível a importância, para Winnicott (1978, citado por Joppert & Fontoura, 2009), psicologicamente a mãe é naturalmente preparada para receber o filho, que é denominado de “preocupação materna primária”, é um estágio que proporciona a mãe uma relação com o filho que faz com que ela acolha e perceba suas necessidades já na primeira hora de vida. Entretanto este estágio é ausente na mãe adotiva, assim como a mãe biológica é naturalmente preparada para ter um filho, na adoção, mesmo que limitadamente, também deve ser preparada, como fala Freire (1994, citado por Fontoura & Joppert, 2009): “Como todos os atos importantes da vida da adoção devem ser preparados. Qualquer que seja a idade da criança adotada, ou a sua situação, a adoção comporta características que precisam ser conhecidas” (p.102)

Fontoura & Joppert (2009) assinalam que a preparação na adoção tardia, deve ser mais cuidadosa, os autores não acreditam que é impossível de criar uma criança mais velha, pelo contrário, nada impede delas terem um futuro feliz e saudável com sua família adotiva, mas é inegável que o preparo seja mais delicado e precisa de uns manejos mais diferenciados dos pais adotivos do que em relação a crianças recém-nascidas. Os pais na adoção tardia, segundo Fontoura & Joppert (2009) devem ser orientados sobre as dificuldades e facilidades de um filho que já têm comportamentos desenvolvidos, e se caso já tenham filhos biológicos e preciso que estes também passem por acompanhamento. Ferreira (1994, citado por Fontoura & Joppert 2009), a preparação para os pais adotivos deve partir do princípio:

a preparação dos futuros pais deve iniciar-se justamente colocando-se questões de por que temos tais expectativas e por que, e como é possível ser feliz e obter sucesso com outro tipo de criança, seja ela negra, defeituosa, com mais idade, feia, etc. (p. 104).

Fontoura & Joppert (2009) defendem que a preparação para os adotantes deve haver uma equipe multidisciplinar preparadas para acompanhar todos os envolvidos e um

acompanhamento por um tempo determinado após a adoção, incluindo nessa preparação grupos com pais que querem ou que adotaram um filho e compartilhar suas experiências.

A preparação para Fontoura & Joppert (2009) não parte apenas só dos adotantes, mas também dos adotados, é muito importante para o casal de trabalhar os sentimentos de rejeição e o rebaixamento da auto-estima da criança, promovendo a sua valorização frente à nova família. Para Niblett (1994, citado por Fontoura & Joppert, 2009), afirma a preparação da criança e tão mais importante do que a preparação dos pais, para que ela consiga estabelecer vínculos. Niblett (1994, citado por Fontoura & Joppert, 2009) comenta: “Também a criança precisa que seus possíveis adotantes lhe sejam apresentados, não menos cuidadosamente, mediante fotografias, álbuns com mensagens redigidas pelos próprios adotantes, vídeos, etc”(p.103).

Embora a preparação para adoção seja algo muito importante, no Brasil essa atividade é quase que inexistentes, principalmente quando falamos das práticas da Lei. Fontoura & Joppert (2009) comparam a preparação para candidatos entre pais e filhos adotivos na Inglaterra, nesse país há um programa de acompanhamento multidisciplinar durante seis meses para os adotantes e adotados e entre outras pessoas envolvidas. Embora a preparação da adoção vá muito mais além de uma Lei, como afirma Maldonado (1991, citado por Fontoura & Joppert, 2009): “o preparo para a adoção envolve o preparo da comunidade para superar tabus e preconceitos que envolvem a adoção, sobretudo crianças maiores e de cor diferente da família que quer adotar”. (p. 107).

Caso Clínico

Denise¹, 6 anos, foi encaminhada para tratamento psicológico, devido recomendação do Conselho Tutelar, pois estava em processo de adoção, além também os pais adotivos se queixavam que Denise comia e mentia muito e estava recebendo queixa por bagunça na escola. Assim foi atendida durante o ano de 2011. Foram realizadas 30 sessões, dentre elas quatro foram conversas com os pais adotivos. Portanto foi uma psicoterapia breve de

¹ Nome Fictício

orientação psicanalítica. Atualmente Denise está na sua segunda família adotiva e mora com seus pais e duas irmãs, uma é irmã biológica e a segunda é filha biológica do casal.

De acordo com os pais adotivos atuais, Denise morou até os seus primeiros 5 meses de vida com sua mãe, bisavó e dois tios, e sua irmã mais velha biológicos, segundo os pais adotivos com exceção a bisavó, todos eram usuários de drogas e foram presos várias vezes, incluindo a mãe biológica. O pai biológico é desconhecido. Logo após, Denise mudou-se junto com sua mãe biológica para um prostíbulo, deixando sua outra irmã ao cuidado da bisavó. Por denúncias que Denise estava em um prostíbulo, o Conselho Tutelar mandou-a para um abrigo, assim também como sua irmã, pois a bisavó estava em uma idade muito avançada e possuía uma situação financeira muito precária, em que não havia condições para criá-las e ainda na casa tinha a presença dos tios que tinham comportamentos delinquentes.

Quando os pais adotivos ficaram sabendo que as crianças foram mandadas para um abrigo, foram visitá-las. É importante frisar, que segundo os pais adotivos eles possuíam parentesco com a família biológica de Denise. Entretanto os pais adotivos não queriam adotar as duas irmãs, na época, um casal muito amigo deles que estavam acompanhando tudo que estava acontecendo decidiram adotar Denise, eles já tinham dois filhos. Assim ambos os casais entraram em acordo que todos os finais de semana as meninas passariam juntas nas casas dos casais alternadamente,

Nessa família de Denise, o casal começou a ter problemas conjugais, que posteriormente chegou a um divórcio, segundo os pais atuais de Denise, a sua primeira mãe entre o marido e Denise. Assim, a sua primeira mãe adotiva mandou uma carta ao juiz sobre o abandono, quando tinha três anos de idade, permanecendo menos de dois anos com esse casal. Entretanto, Denise ainda permaneceu um ano com seu primeiro pai adotivo, mas foi retirada a guarda porque ele não tinha condições financeiras e emocionais para criá-la. Assim, a guarda de Denise passou para os pais adotivos atuais, pois se eles não adotassem Denise consequentemente perderiam a guarda de sua irmã. A princípio, Denise visitava e recebia visitas semanais do seu primeiro pai adotivo e dos seus dois filhos, doravante, essas visitas foram interrompidas pelos atuais pais adotivos porque eles acreditavam que a convivência com essa família estava atrapalhando os bons modos e costumes que estavam ensinando para

Denise, e também percebiam que ela estava confusa, pois muitas vezes perguntava quem realmente eram seus irmãos. A situação chegou ao estopim quando ficaram sabendo que Denise encontrou algumas vezes sua outra mãe, o que não fazia bem para ela.

Embora, os pais adotivos se queixavam de alguns comportamentos de Denise, eles falaram que ela era uma criança muito amorosa, prestativa e muito inteligente, mesmo com suas queixas de bagunça na escolar, o seu desempenho estava ótimo.

Durante todo o tratamento psicoterapêutico, as brincadeiras de Denise eram bastante repetitivas, ela gostava muito de fazer desenhos, principalmente com tinta guache. Muitas vezes misturava todas as cores de tintas na folha sulfite ou derramava as tintas dentro de um copo de plástico e misturava com água, usando um canudo para borbulhar com a boca alegando que fazendo isso as cores se misturariam bem. Quase todo o seu desenho fazia sol, nuvem, árvores, animais, pessoas que representavam muitas vezes ela, sua família e até eu. Nos seus desenhos, às vezes fazia um desenho em uma folha sulfite e recortava e colava em outra, montando um desenho ou paisagem através de recorte e cola e colocava também nos seus desenhos muito *glitter* de diversas cores.

Foi notável o uso demasiado de cola por Denise durante o tratamento, costumava misturar cola com água, com tintas, com *glitter*, entre outros; até mesmo com a intenção de endurecer alguns elementos, como exemplo, copo descartável, costumava picar papéis e colava em volta do copo descartável para que este ficasse bem consistente. Quando não usava cola, usava algo colante.

Em toda sessão, qualquer coisa que Denise começava a fazer, independente do tempo, ela precisava terminá-lo na mesma sessão, por causa disso muitas sessões passava do tempo de 50 minutos, e na maioria das vezes ela queria levar o que fazia nas sessões para sua casa, às vezes era para presentear sua mãe, seu pai, suas irmãs, para mim ou para ela mesma.

Nas sessões Denise era uma criança muito amável e muito sedutora, sempre me elogiava com as roupas que eu usava, acessórios, etc; e agradecia muito quando algo fazia para ela. Na última sessão, Denise chorou muito, estava triste por não brincar mais com os seus brinquedos da sua caixa e também de não me ver mais, pedia-me para que eu não me esquecesse dela.

Discussão do Caso

Os pais de Denise não desejaram tê-la como filha, pois eles tinham apenas a intenção de adotar a irmã dela, adotaram Denise devido às leis vigentes, caso contrário, perderiam a guarda da irmã. As motivações do casal para a busca de adoção mostra uma atitude de altruísmo, que se conclui devido as fala deles próprios que não devolveriam Denise por motivos religioso, e também alegavam que Denise só tinha que agradecer a eles, devido a vida que estava tendo em comparação as outras, principalmente de sua família biológica.

Denise está incluída no pequeno índice dos adotados acima de dois anos de idade, portanto faz parte da adoção tardia. Era muito visível nos pais adotivos de Denise o preconceito sobre a adoção, principalmente da adoção tardia; a mãe adotiva queixava-se dos seus comportamentos indesejáveis, achando que isso era por causa de Denise ter passado pela criação de outra família, e falava que não estava sendo fácil para ela criar uma criança que já chegou a sua casa com certa idade, que no caso de Denise já estava com 4 anos. Os pais adotivos também acreditavam no mito da hereditariedade, possuíam medos de que Denise fosse futuramente usuária de drogas assim como sua mãe e seus tios biológicos; pareciam que estavam na vigília que futuramente isso seria um problema para eles, como se pensassem “o pior está por vir”.

Percebe-se que os pais adotivos e Denise não se prepararam para um processo de adoção. De um lado estão os pais adotivos com uma visão de que seu ato de adotar uma criança foi de uma imensa bondade, mas esqueceram de pensar acima de tudo que Denise é uma criança, e precisa não só de bens materiais, mas precisa ser amada e constituída em uma família. Apesar dos inconvenientes de criar um filho, sempre prevalece o sentimento de amor, e amar um filho, ele sendo adotivo ou não é amá-lo independentemente dos seus defeitos, pois ninguém é perfeito, mesmo sendo biológico ou não.

Do outro lado, está Denise com as suas fantasias e inseguranças em se constituir em uma família; ela entrou para essa nova família com um histórico de abandono e rejeição; com apenas 6 anos de idade foi retirada da mãe biológica, foi rejeitada pela primeira mãe adotiva,

proibida de ver seu primeiro pai e irmãos adotivos, e atualmente sente que não é aceita, porque afinal não foi desejada.

Durante todo processo terapêutico, Denise demonstrou sua insegurança de poder ser devolvida, todas as suas atitudes de aproveitar as sessões o máximo que pudesse, refletiam-se a isso, pois se sua vida inteira foi incerta com passagem em três famílias diferente e abrigo, então Denise não tinha a certeza que realmente me veria na próxima semana. Isso era mais comprovado quando foi anunciado para ela o período de duas semanas que não teríamos sessão devido às férias, da mudança do horário das sessões e quando falava para ela que conversaria com seus pais, era notável o aumento das suas agitações, angústia e bagunça; aproveitava a sessão como se fosse à última. Isso também reflete aos comportamentos que seus pais reclamavam muito em Denise, que era o de comer muito e de receber queixas da escola por fazer bagunça.

As brincadeiras de Denise com uso demasiado de cola, fita adesiva, massinha de modelar e querer endurecer água, folha sulfite, copo descartável, remetem aos desejos de ela querer permanecer em uma família, especialmente na família atual, pois demonstrava muito amor em relação a eles. Nos seus desenhos mostrava as suas angústias, o seu passado sofrido e de não se sentir aceita na família atual. Quando misturava todas as tintas ou grudava todas as massinhas de modelar juntas de diversas cores, queria dizer que sua vida era uma mistura, pois muitas pessoas passaram por ela, pessoas que ela amou e ama e pessoas que magoaram, e a intenção dela eram juntar todas elas na sua vida. O interessante que muitas vezes Denise colocava *glitter* de diversas cores nas suas mistura e desenhos, uma forma de colocar brilho e alegria na sua vida e até mesmo nos que geraram grande sofrimento.

Denise gostava muito de agradar as pessoas, sempre as coisas que fazia na sessão queria dar de presente para alguém, a sua sedução era muito notável na terapia, na verdade foi uma forma que ela viu de sobrevivência, que através disso ela pudesse ser aceita e amada.

As mentiras que ela contava para seus pais eram tentativas de mostrar que ela era perfeita, usava a mentira como uma forma de esconder suas imperfeições.

Denise na última sessão chorou muito, chorou pelos seus brinquedos e por não me ver mais, pediu-me para não esquecê-la me abraçou forte por uns minutos. Talvez com essas suas

atitudes, Denise reviveu todos os seus abandonos que gerou muita dor e sofrimento, talvez com o choro ela soltasse para fora toda a sua raiva, mas não é por causa disso que irá cicatrizar todas as suas feridas, e com o fim da terapia, talvez Denise me inclua como outra pessoa na sua vida que novamente a abandonou.

Conclusão

Apesar dos avanços da sistematização da adoção nas leis brasileiras, é algo que ainda deve ser muito pensando e discutido se realmente está priorizando o bem-estar da criança e do adolescente, pois o que se nota é que as intenções dos adotantes não estão de acordo com os desejos dos adotados, afinal, outra coisa que comprava isso é que não é toda criança que é aceita para adoção e ainda nos deparamos com preconceitos referentes ao adotado, principalmente quando falamos em uma adoção tardia. Se as Leis priorizam o bem-estar da criança é inevitável que se preocupem com o seu psiquismo, para que futuramente tenha uma vida saudável e feliz, pois o fracasso da adoção pode trazer danos psíquicos irreparáveis.

O caso clínico apresentado é muito mais comum do que se pensa, mostra claramente a falta de preparação para adoção de todos os membros envolvidos, gerando dor e sofrimento e todas as partes. Se o ato de adoção é irrevogável, como previsto em lei, então deve ser feito um trabalho multidisciplinar muito bem feito com todos os envolvidos, para que constituam uma família saudável e feliz.

Referências

Carvalho, N.M.C. & Miranda, V.R. (2009). *Psicologia Jurídica: Temas e Aplicações*. Curitiba: Juruá.

Chemin, S.A, & Sesarino, R.V.S. (2009) Adoção e homossexualidade: a civilização e seu mal-estar. In: M.C.N., Carvalho, & V.R. Miranda (orgs.). *Psicologia Jurídica: Temas e Aplicações*. (pp.177-133). Curitiba: Juruá.

Conselho Nacional De Assistência Social – CNAS. (2006, dezembro.) *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF: Presidência da República.

Lemos, O. C. (2001). *Mudanças Geradas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente Onze Anos Depois de sua Aprovação*. Recuperado em 21 de novembro, 2011, de: <http://www.senado.gov.br>.

Fontoura, T. & Joppert, R.D.M. (2009). Adoção tardia: a importância do preparo psicológico de candidatos a pais e filhos adotivos. In: M.C.N., Carvalho; V.R, Miranda (orgs.). *Psicologia Jurídica: Temas e Aplicações*. (pp. 93-116) Curitiba: Juruá.

Miranda, V.R, & Souza, P. R.(2009). Adoção: Considerações Histórico-sociais, psicológicas e jurídicas. In: M.C.N., Carvalho; V.R., Miranda (orgs.). *Psicologia Jurídica: Temas e Aplicações*. (pp.79-92) Curitiba: Juruá.